

Blogs jornalísticos: do jornalismo técnico ao subjetivo e intransferível¹

Joyce da Silva Souza²

PUC / SP

Resumo

O presente trabalho teve como objeto de pesquisa o *Blog do Noblat* e o *Rádio do Moreno*, escritos pelos jornalistas Ricardo Noblat e Jorge Bastos Moreno, respectivamente. Os blogs que começaram como espaço para publicação de matérias dos jornalistas passaram a estabelecer uma nova forma de fazer jornalismo, que fala mais de si e a partir de si, assim como oferecem informação aos seus leitores. O objetivo desse artigo é a análise do jornalismo na web e nos blogs, e uma reflexão das mudanças em curso na comunicação e no próprio jornalismo. Foram observadas a estrutura e as características dos textos dos blogs analisados, e o uso de recursos multimídia. Com base nisso, este artigo pretende refletir sobre as mudanças do jornalismo contemporâneo e suas formas de produção da informação.

Palavras-Chave

Jornalismo; História do jornalismo online; Blogs jornalísticos; Cibercultura.

Introdução

Observam-se mudanças com relação aos modelos clássicos de comunicação aprendidos nas escolas de jornalismo, como a teoria da informação de Shanon e Weaver, que era um modelo de comunicação linear e de mão única entre emissor e receptor. Esse estudo teórico pretendeu ser a base de construção da ciência da comunicação, mas que atualmente não cabe mais. A base dessa teoria da comunicação apresentou-se como um sistema de transmissão de informações linear que tinha um comunicador de um lado (a fonte, o emissor), seguido de um canal, que como o próprio nome diz passa a informação do emissor para o receptor, e esse recebe passivamente a informação, modelo hoje esgotado.

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Jornalismo e novas formas de produção da informação”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Jornalista, especialista em Jornalismo Multimídia pela PUC/SP e mestranda pela mesma instituição. E-mail: joycessilva22@gmail.com.

Um outro modelo que pode-se levar em consideração é o conhecido como *seringa hipodérmica*. Segundo Rudiger (2004), esse modelo partiu do princípio de que o comunicador é um sujeito que pretende provocar reações em outras pessoas cujo grau de reciprocidade depende da frequência com que o receptor se transforma em comunicador. Porém, essa teoria passou a ser reelaborada, a partir da idéia de que a comunicação não pode ser reduzida a ação do comunicador, ou de um emissor da mensagem, como provado no contexto atual da comunicação. Hoje tem-se uma imprensa na rede mundial de computadores, com sua identidade, sua linguagem, seus jornalistas apoiados por ‘parceiros’ que, como eles, alimentam e editam suas páginas informativas.

A internet comercial chegou ao Brasil em 1995 e logo começou a ser utilizada como mídia por algumas das principais empresas jornalísticas do país. Já o fenômeno da blogosfera começou bem depois mais menos no ano de 2004. Porém, o fenômeno ganhou força primeiro fora do Brasil, em decorrência de dois fatos que mudaram a forma de se fazer jornalismo no novo século: os atentados terroristas nos Estados Unidos em 2001, e em Londres, em julho de 2005. No primeiro acontecimento, em vários pontos daquele país e ao redor do mundo, a mídia tradicional se deparava com dificuldades e desencontros de informação. A Internet, que poderia ser uma solução para essas dificuldades, como meio rápido e de fácil acesso, sofria a impossibilidade de suportar as tentativas de busca por informações (muitos portais e sites naquele momento tiraram seus conteúdos da web). Nesse cenário de 2001, os blogueiros exerceram uma função jornalística de transmitir informações antes mesmo que os meios de comunicação tradicionais pudessem fazê-lo. No caso do atentado a Londres, segundo o site Technorati³ (especializado no monitoramento de blogs na Internet), registrou no momento dos acontecimentos em Londres 1,3 mil posts (textos escritos em blogs) sobre o atentado⁴.

Em 2006, no Brasil, estimava-se que cerca de 20 milhões de internautas (em torno de 25% da população) vasculhassem blogs em busca de informação ou entretenimento.⁵ Dados do Technorati apontavam que de março a agosto de 2007 a quantidade deles cresceu

³ Disponível em: <http://technorati.com/>. Acesso em: 1 abr.2009.

⁴ Londres: da tragédia real a repercussão virtual. Intermezzo. Disponível em :<<http://imezzo.wordpress.com/2005/07/07/londres-da-tragedia-real-a-repercussao-virtual/>> . Acesso em 17 mar. 2008.

⁵ AMORIM, Ricardo e VIEIRA, Eduardo. Blogs: os novos campeões de audiência. *Época*, 31 de jul de 2006. Pág. 99.

41%, um aumento de 70,6 para 99,9 milhões, uma média de 175 mil blogs criados ao dia⁶. Já em 2008, segundo estudo *State of the blogosphere*, existiam no mundo 130 milhões de blogs, e de acordo com esse mesmo estudo, a atualização do conteúdo da blogosfera era de 900 mil posts por dia⁷.

Em 2009, o jornalismo passou dessa era heróica para um momento que ainda se define modificado tanto por essa nova ferramenta que o blog se tornou, como pelo próprio leitor, que expõe suas idéias e opiniões e até mesmo tem seus espaços de expressão, possuindo seu próprio blog ou outras formas de cultura colaborativa na web.

Assim, o jornalismo contemporâneo está se transformando em decorrência dessas inovações na comunicação provocadas pelas mudanças sociais e também por esse público leitor.

O jornalismo na web e nos blogs: o jornalismo tradicional e novos gêneros jornalísticos

O jornalismo na web começou a ser traçado a partir das mudanças na cultura que começaram mais ou menos na década de 80 com o surgimento das novas formas de consumo cultural. Segundo Santaella (2003) essas novas formas de consumo foram propiciadas pelas tecnologias do disponível e do descartável, ou seja, formas de consumo para públicos cada vez mais heterogêneos e demandando cada vez mais produtos personalizados.

Dessa forma, a sociedade que surgiu paralelo com o advento da internet passava a se desvencilhar, a partir dessa nova dinâmica cultural, da lógica própria da cultura de massas, que é produzida por poucos e consumida por muitos, e esses que não tem o poder de interferir nos produtos que consomem. Essa nova cultura emergente inaugurava (e é realidade) a possibilidade de escolha pelos leitores/consumidores de produtos alternativos. A hegemonia da cultura de massa foi posta em crise com a informatização, ou seja,

⁶ SHNOOR, Tatiana. Número de blogs no mundo é quase 1 bilhão. http://vnews.uol.com.br/sites/noticias/matéria.php?id_secao=4&id_conteudo=8741>. Acesso em 14 mar. 2008.

⁷ Relatório *State of the Blogosphere* publicado pelo site Technorati. Disponível em:< <http://technorati.com/blogging/state-of-the-blogosphere/>>. Acesso em: 18 set.2009.

surgimento da Internet que aos poucos foi tomando espaço na vida social, econômica e privada.

O primeiro site jornalístico no Brasil foi o do *Jornal do Brasil*, criado em maio de 1995, e seguido pela versão eletrônica do jornal *O Globo*. Nessa mesma época a Agência Estado (agência de notícias do Grupo Estado) também colocou sua página na Internet. A história do jornalismo na web tem muita relação com a própria história da imprensa brasileira, composta em sua maioria por grandes conglomerados e empresas familiares. Esses grupos detêm até hoje a liderança entre os portais de comunicação, e por isso, de acordo com FERRARI (2004, p. 25), são informalmente chamados de “barões da Internet brasileira”. Empresas tradicionais como as Organizações Globo, o Grupo Estado (detentor dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Jornal da Tarde*), o Grupo Folha (do jornal *Folha de São Paulo*) e a Editora Abril se mantêm como os maiores conglomerados de mídia do país, tanto em audiência como em receita com publicidade. Foram essas empresas que deram os primeiros passos na Internet brasileira, seguidos pelo boom mercadológico de 1999 e 2000. De 1997 a 2000, os grandes sites de conteúdo brasileiros, assim como os norte-americanos, passaram a investir em oferta abundante de conteúdo, voltado mais para volume do que aprofundamento de notícias. Além disso, pensavam em usar pouco investimento financeiro e ter resultados lucrativos.

O conceito de “jornalismo digital” passou a ser pensado a partir de projetos e estudos decorrentes do I Congresso Internacional de Jornalismo e Internet, realizado em 2001, em Coimbra, Portugal e estudos como os da Universidade de Columbia, em Nova York. Mas, os primórdios do jornalismo na rede, consistiam em transpor conteúdos do veículo impresso para a tela do computador, o que ficou conhecido como jornalismo online. Porém o jornalismo digital compreende todos os noticiários em sites e produtos que nasceram diretamente na web. Assim como as mídias tradicionais, os sites e portais de comunicação apresentam, os mesmos departamentos de uma redação: fotografia, editorias, produção, financeiro, arte, entre outros.

O webjornalismo, que se convencionou chamar “jornalismo feito na Internet”, define uma prática jornalística que consiste na migração das mídias já existentes transformando-as em algo que vai além dos velhos meios de comunicação. Enquanto nas

mídias tradicionais se convencionou a usar técnicas como a do *lead*⁸ e a da *pirâmide invertida*⁹, nesse novo meio as técnicas estão presentes, mas no caso dos blogs, essas não são mais ‘camisas de forças’ que forcem os jornalistas a seguirem antigas técnicas tolhendo sua criatividade. O webjornalismo é também uma convergência de imagem, som e texto num mesmo espaço.

Um conceito tradicional do jornalismo importado do impresso, mas presente no webjornalismo e na cultura jornalística é o da objetividade. Esse conceito tão presente no jornalismo em geral, de acordo do PENA (2008, P. 50), não pode negar a subjetividade e sim “reconhecer a sua inevitabilidade”. Esse último conceito, o da subjetividade, está presente nos blogs, até mesmos nos blogs jornalísticos, já que se convencionou instituir entre os blogueiros uma escrita mais informal e em tom de diálogo. Contribuiu para essas mudanças nas formas de transmitir informação a cultura colaborativa na web e os conceitos propostos por Richard Stallman na década de 1970, a filosofia *open source* ou Software Livre. Essa filosofia contribuiu para o surgimento do que se pode chamar de um novo gênero jornalístico – o jornalismo cidadão ou colaborativo.

A idéia desse gênero é que o conteúdo informativo seja produzido por cidadãos sem formação jornalística, mas em colaboração aos jornalistas profissionais. Essa prática se caracteriza pela maior liberdade na produção e veiculação de notícias, já que não exige formação específica em jornalismo para os indivíduos que a executam. A própria estrutura sobre a qual é construída a notícia pode variar, fugindo dos padrões aceitos no jornalismo tradicional, tais como o *lead* e a *pirâmide invertida*. Nesse caso, o relato em primeira pessoa, repudiado no jornalismo tradicional, é bem aceito e até indicado nas reportagens produzidas sob o modelo colaborativo de jornalismo. Exemplo dessa prática é o jornalismo cidadão do *Oh my news*, jornal sul-coreano. Para os defensores do jornalismo colaborativo, também chamado *open source* (fonte aberta) é a democratização do conhecimento, a partir do momento em que qualquer pessoa tenha acesso à mídia, não apenas como leitor ou espectador, mas colaborando na produção do material veiculado. Dessa forma o jornalismo

⁸ O *lead* foi trazido, na década de 1950, pelo jornalista Pompeu de Souza, um conceito da imprensa americana e que na época prometia revolucionar as redações. Consiste no relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo as perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e por quê.

⁹ A *pirâmide invertida*, outra técnica tradicional do jornalismo, consiste em um relato que prioriza não a sequência cronológica dos fatos, mas numa escala decrescente, prioriza os elementos de maior para menor importância no final do texto.

praticado nos blogs jornalísticos se beneficia, e assim modifica o jornalismo praticado atualmente.

Blogs: uma nova maneira de fazer jornalismo?

“Quanto mais perto eu chegava da escada, mais conseguia sentir o cheiro. Fumaça pode ter vários odores, mas esse era o tipo do cheiro que me dizia que algo estava muito errado – um odor ácido, afiado.” O relato foi retirado do blog *The fine line*, do blogueiro do americano Bob Doyle e reescrito por SCHITTINE (2004, p. 158).

O relato aqui destacado falava de um acontecimento que mudou a forma de fazer jornalismo, o 11 de setembro de 2001. Isso porque Bob Doyle, não é um jornalista, mas um cidadão que estava saindo de uma estação de metrô a dois quarteirões do World Trade Center, assistindo a tragédia de perto e resolveu colocar o seu relato em seu blog pessoal, além de algumas fotos tiradas com uma câmera digital. Ele, assim como muitos outros blogueiros inclusive brasileiros exerceram função jornalística nesse momento histórico, o que passou a ser uma realidade. O atentado de 11 de setembro demonstrou claramente que os leitores/cidadãos podem se tornar mais do que espectadores dos acontecimentos, mas serem narradores espalhados pelo mundo.

De acordo com Mattoso (2003, p. 27) os blogs trazem consigo o direito livre de se comunicar via Internet. A ferramenta blog trouxe velocidade de criação, postagem e atualização dos blogs, democratizando o acesso de não-especialistas em linguagem HTML¹⁰, entre outras, antes restrita a programadores. Esses foram os primeiros a criarem blogs, que funcionavam mais como guia de sites, mostrando links¹¹ para outras páginas. Já os jornalistas, inicialmente, utilizavam a internet apenas para pesquisa e usavam a ferramenta blog para assuntos alheios ao seu trabalho. Os jornalistas encontraram nos blogs uma forma de fugir um pouco das obrigações da profissão. Muitos deles inicialmente levaram para o blog o conto e o romance, desenvolvendo, como afirma SCHITTINE (2004, p. 179) “uma escrita do lazer, não-noticiosa, pessoal”.

¹⁰ Hipertext Markup Language : método de codificação utilizado para criar arquivos padronizados, de forma que sejam trazidos igualmente para qualquer computador.

¹¹ Link, o mesmo que hiperlink, elemento básico de hipertexto, oferece um método de passar de um ponto do documento para outro no mesmo documento ou em outro.

Ricardo Noblat, foi um dos primeiros no Brasil a usar o blog como ferramenta jornalística e, esta ferramenta surgiu em um momento de transição na sua carreira. Em 2004, quando o *Blog do Noblat* foi criado, o jornalista fora despedido do jornal *Correio Brasiliense* e, posteriormente, quando estava no jornal carioca *O Dia*, postava as notícias que a tempo não podiam ser publicadas no impresso. Meses depois, quando despedido do jornal carioca, Noblat pensou em desistir do blog, mas por insistência dos seus leitores, continuou a escrever nele. A audiência do *Blog do Noblat*, que inicialmente estava no Blig (serviço de postagem gratuita do IG), não parou de crescer. Ao descobrir que seu blog tinha visita de 150 mil visitantes por mês, viu que este poderia ser um negócio. Noblat hoje é um dos poucos jornalistas que vivem de um blog, possuindo uma equipe de repórteres e colunistas convidados e ate mesmo leitores tem seu espaço lá. Hoje o blog está hospedado no portal Globo.com¹².

Noblat, assim como outros blogueiros, tiveram maior visibilidade quando eclodiu em 2005, no cenário político brasileiro a ‘crise do mensalão’. Este acontecimento é apontado como o divisor de águas quanto à consolidação dos blogs como veículo de cobertura política e jornalística no Brasil¹³.

Os jornalistas que escrevem em blogs hospedados em portais de notícias como Noblat, e Moreno (posteriormente aqui relatado), a subjetividade dos autores desponta como característica fundamental. Segundo MENDES (2009, p. 5), “mesmo quando não falam de si, observamos que os jornalistas-blogueiros falam a partir de si, sem perseguir os padrões jornalísticos que predominam na grande imprensa”. Essa mudança de expectativa, encarando a objetividade como parte da subjetividade, que afeta a própria identidade profissional do jornalista e nos parece ter um papel fundamental na compreensão do jornalismo que está se reescrevendo.

Os jornalistas passaram a ter mais domínio sobre o próprio texto que escreve, sabendo que é o único responsável pelo que está escrevendo, sem ter um redator e um editor para consertar ou mutilar o seu texto antes de ser publicado. Liberdade aqui não

¹² O globo.com foi o primeiro portal a investir nos blogs. Em junho de 2003 todos os colunistas do jornal O Globo, ligados a esse portal, foram convidados a criar seus próprios blogs no portal, com o objetivo desses serem uma extensão de suas colunas.

¹³ Na ocasião no mensalão, Noblat publicou em primeira mão a saída do ex-deputado José Dirceu da Casa Civil e a prisão do publicitário Duda Mendonça, envolvido com rinhas de galo.

significa ausência de responsabilidade que o meio, pela sua atual visibilidade acarreta, mas que resulta em uma escrita pessoal e intransferível.

Noblat em seu blog é seu próprio editor, tendo a liberdade de escolher as fontes. Mas, apesar dessa liberdade, têm em seu blog características dos veículos tradicionais, como sessões fixas como: *Carta de Estocolmo* (escrita todas as sextas-feiras e por uma leitora brasileira que mora na Suécia); *Vale a pena acessar* (com dicas de sites e blogs); *Artigo* (escrita por colunista convidado); *Editoria O Globo* (jornal que faz parte do portal do qual o Blog do Noblat está veiculado); *Música do dia*; *Deu em O Estado de S. Paulo* (aqui Noblat tem a liberdade de postar sobre o que foi publicado em outros veículos, não sendo, necessariamente ligado ao Portal que está veiculado); *Deu na Folha de S. Paulo*; *Agenda do Lula*; uma sessão que não tem nome é destinada a vídeos da Internet, principalmente do Youtube; *Poemas da Noite*; *Foto do dia*; *Charge*.

No caso, na sessão *Carta de Estocolmo*, o assunto dessa sessão e que é destacada no texto a seguir é sobre o cotidiano em Estocolmo, como é tirar uma carteira de motorista. Destaca-se um trecho bastante pessoal do texto da leitora Sandra Paulsen:

Cartas de Estocolmo¹⁴ Reaprendendo a dirigir



Uma das coisas que considero mais difíceis, aqui na Suécia, é tirar carteira de motorista. Não que dirigir seja mais difícil aqui, de maneira nenhuma!

Só que a combinação da cultura do “seguir as regras” com a quantidade de normas que regem o trânsito faz do aprender a dirigir um processo especialmente complicado, por estes lados.

Por exemplo, se você tiver uma carteira de motorista de algum país de fora da Europa, como é o meu caso, terá que começar o processo do zero. Mesmo que já tenha 29 anos de habilitação. Não há forma de obter uma dispensa de aulas, ou um “fast track” para começar a conduzir um veículo.

O primeiro passo, então, para o interessado em obter uma carteira de motorista, é solicitar uma “permissão para dirigir”. Você paga uma taxa, envia um exame de vista feito em ótica autorizada e uma declaração de saúde e solicita a permissão para começar a aprender a conduzir.

Só depois de a autorização chegar à sua casa, por volta de três a seis semanas, é que você pode começar a treinar ao volante, numa escola autorizada.

Enquanto espera a permissão, pode dedicar-se às aulas teóricas. São um mínimo de seis aulas, com três horas de duração cada, onde você é introduzido no emaranhado de regras e sinais de trânsito que existem aqui. Nunca, em toda minha vida de motorista, em vários países, havia visto tantos sinais diferentes!

Aprender a conduzir sem aulas teóricas e sem autoescola também é possível.(...)

Acostumada com a fama de boa motorista, responsável, tranquila e obediente às regras, terei que me recolher à minha insignificância.

Além de tudo, ainda tenho de vencer o preconceito, certamente com algum fundo de razão. “Motoristas formados na América Latina são os piores que já enfrentei na minha vida de instrutor”, foi o comentário do competente, gentil e elegante Roger, durante minha primeira lição.

Em tempo: a Suécia encontra-se entre os melhores resultados do mundo nas estatísticas anuais de acidentes, mortos e feridos no trânsito.

A pergunta é: será que vou conseguir “chegar lá”? Porque, até aqui, o desafio parece mais difícil que tirar o doutorado...

¹⁴ Sandra Paulsen é uma leitora do blog do Noblat e que acabou sendo uma colaboradora. Sinal de que Noblat adotou a idéia de que os leitores podem ser colaboradores nesse processo. Cartas de Estocolmo virou uma sessão fixa no blog que é publicado toda sexta. O post aqui destacado é de 4 set. 2009, disponível em:< <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2009/09/04/reaprendendo-dirigir-219992.asp>>. Acesso em: 4 set. 2009.

O fazer jornalístico no blog de Noblat não se restringe ao conteúdo noticioso. Publica poemas, vídeo de apresentações musicais, etc. Quanto ao seu ‘cotidiano’, não há, um horário para postar seus textos. Quanto a participação dos leitores e os comentários, pode-se verificar no período de 1º a 4 de setembro de 2009, cerca de 2.746 comentários. Já a quantidade de posts varia muito de acordo com os acontecimentos, com uma média de 50 posts por dia. A quantidade significativa de posts presentes no *Blog do Noblat* é em decorrência desse profissional ter a sua disposição uma equipe de repórteres e de colaboradores, como colunistas convidados, por exemplo.

Noblat, nesse pequeno período de análise escrevia uma série de textos sobre os 20 anos da cobertura da eleição que segundo ele mudou o país, a eleição que elegeu Fernando Collor de Melo. Textos dessa série são do próprio jornalista, escritos há 20 anos para o *Jornal do Brasil*. Seguem os padrões jornalísticos impressos, agora colocados em um outro suporte de informação, o blog, e com uma outra função: rememorar um momento histórico. Aqui o blog funciona como um resgate da memória. Hoje é cada vez mais difícil construir fundações duráveis, porque o ritmo de informações recebidas e processadas diariamente é enorme e a produção da memória a partir dessas informações é também muito acelerada.

Já o jornalista Jorge Bastos Moreno e o seu blog (Rádio do Moreno), é mais modesto quanto ao número de posts e comentários. O jornalista o encara não como uma empresa, mas como um espaço alternativo ao que exerce como jornalista em outro veículo. Moreno, começou a escrever em um blog no portal Globo.com¹⁵. Assim como Noblat e muitos outros blogs jornalísticos, o seu teve maior visibilidade em decorrência dos escândalos políticos do mensalão no Brasil. No dia 30 de maio de 2005, por exemplo, o blog do Moreno recebeu somente 199 visitas¹⁶. Seis dias mais tarde, em 7 de junho de 2005, o mesmo blog, em decorrência das denúncias de esquema de pagamento de mesadas,

¹⁵ Blog que moreno anteriormente escrevia no portal globo.com está disponível em:<
http://oglobo.globo.com/pais/moreno/post.asp?t=o_fim_do_blog_do_moreno&cod_Post=49389&a=27>.
Acesso em 7 set. 2009.

¹⁶ MENDES, Larissa de Moraes Ribeiro. Uma contribuição para a história dos blogs jornalísticos no Brasil: como Ricardo Noblat, Jorge Bastos Moreno e Josias de Souza tornaram-se ‘blogueiros’. Trabalho apresentado no 14º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, a sessão Divisão Temática de jornalismo. Rio de Janeiro: 2009.

que ficou conhecido como ‘mensalão’, a audiência do blog do Moreno saltou para 6.307 visitas¹⁷.

Posteriormente, Moreno deixou seu antigo blog, exatamente no dia 23 de fevereiro de 2007, já que segundo ele mesmo, sua intenção era continuar a escrever o blog até o segundo mandato do presidente Lula. Em seguida, anunciou seu novo blog o *Rádio do Moreno*¹⁸. Para ele o blog anterior se exauriu quanto a sua função, e agora com o novo teria como proposta somar. Ou seja, chamou outros colegas jornalistas para colaborar em seu blog, hospedado também no globo.com.

No blog de Moreno pouco se vê de textos de sua autoria. Possui por exemplo uma sessão chamada *Diário de uma repórter*, escrita pela jornalista Adriana Vasconcelos, exemplo do texto a seguir:

1.9.2009

|
15h40m

[Eleições na ordem do dia](#)¹⁹

Ainda estamos há quatro meses do fim do ano, mas no Congresso Nacional e no Palácio do Planalto as eleições de 2010 já entraram na ordem do dia.

No Senado, a aproximação do ano eleitoral está fazendo os parlamentares correrem contra o tempo para aprovar à tempo _ ou seja, até o fim de setembro _ um arremedo de reforma eleitoral, para que as mudanças na legislação possam ser aplicadas já no próximo ano. A proposta, porém, além de tentar proteger com o anonimato potenciais doadores de campanha, ainda promete regular — se isso é possível — o uso da Internet em campanhas.

Já o governo, de olho no calendário eleitoral, acabou optando por pedir urgência constitucional para a aprovação do marco regulatório do pré-sal. Isso significa que deputados e senadores terão apenas 90 dias para discutir e votar uma proposta que foi elaborada ao longo dos últimos 14 meses.

A oposição, por sua vez, promete dificultar a votação do marco regulatório. Não só por considerar o prazo para discussão da proposta muito exíguo, mas também por não querer colocar uma suculenta azeitona na empada da ministra Dilma Rousseff, pré-candidata do PT à sucessão presidencial. Já que o pré-sal poderá ser um dos carros chefes da campanha da ministra.

Cada um olha para o seu próprio umbigo. Por isso, senhor eleitor comece a olhar para o seu e pense bem antes de votar no próximo ano.

¹⁷ Idem. P. 4

¹⁸ Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/pais/moreno/default.asp>>. Acesso em: 7 set. 2009.

¹⁹ Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/pais/moreno/diarioreporter/posts/2009/09/01/eleicoes-na-ordem-do-dia-219268.asp>>. Acesso em: 11 set. 2009.

Moreno basicamente escreve e edita o que será postado, portanto, a quantidade de posts é bem menor que o seu colega Noblat. No período de 1º a 4 de setembro, foram publicados cerca de 20 posts. Tendo também número de comentários bem menores que o blog anterior, com 156. Quanto ao blog em si, apresenta algumas sessões que são mais ou menos fixas: *Opinião* (com colaboradores convidados que escrevem em colunas do jornal O Globo e republicadas no blog, como o colunista Zuenir Ventura no post de 02/09/2009, “O rio pensa, dança e fala”²⁰); *Globo Notícia* (vídeo do programa veiculado na emissora Globo, que faz parte da mesma empresa do Globo.com); *Momento musical* (vídeos escolhidos pelo jornalista); outros textos não têm uma sessão específica, mas são geralmente de conteúdo mais noticioso; *Jornal Nacional* (conteúdo em vídeo do Jornal Nacional, telejornal da Globo; e nem sempre postada diariamente a sessão *Comentário político*, com textos sobre política escrito por colunistas convidados.

O que se vê no blog de Moreno é a participação maior de terceiros, tendo muito pouco da participação do próprio jornalista, a não ser como um editor, selecionando o que vai ser postado. As fontes utilizadas se limitam a veículos da mesma empresa de comunicação, no caso Globo.com, portanto, quanto a isso há pouco de liberdade. Quanto à linguagem, muito que se utiliza é de veículo impresso, já que, por exemplo na sessão *Opinião*, são textos extraídos de veículos impressos e republicados no blog. Percebem-se somente nos textos de Adriana Vasconcelos, para uma série à parte no blog (*Diário de uma repórter*) o uso de uma linguagem mais pessoal e, em alguns momentos, em primeira pessoa.

Considerações finais

Vivem-se tempos incertos em uma sociedade de muitos pluralismos, fragmentação e velocidade. Isso decorrente de mudanças que não advém do presente, mas causadas pelas tecnologias e seu surgimento.

²⁰ Post de 02/09/2009, O Rio pensa, dança e fala. Disponível em:<
<http://oglobo.globo.com/pais/moreno/posts/2009/09/02/o-rio-que-pensa-danca-fala-219467.asp>>. Acesso em:
11 set. 2009.

Hoje as pessoas se comunicam não tanto face a face, mas por meios de redes, de seus computadores pessoais por meio de chats, sites de relacionamento e principalmente por meio de blogs. Segundo Rudiger (2004), a comunicação deixa de ser mediação da práxis social para se tornar técnica de acesso à sociedade. Diante desse raciocínio, as transformações nos padrões de interação social derivam da própria natureza das tecnologias de comunicação.

O indivíduo na atual sociedade, como nas teorias funcionalistas, não é um ser passivo que recebe a informação, mas o indivíduo que recebe e cria informações. Pode-se dizer que os jornalistas, anteriormente eram vistos como “porta voz da opinião pública”, estão hoje mais para plataformas de informação, e por isso muitos websites e blogs hoje não são apenas depositários isolados de informações ou como canais de informação de uma só via. Quanto aos blogs, esses se tornaram ferramentas que permitem liberdade ao seu autor, no caso dos jornalistas blogueiros, que não dispunham nos veículos tradicionais aos quais estavam veiculados. Porém, ainda encontram resistência quanto a essa liberdade que o meio permite. No caso do jornalista Ricardo Noblat, que desfruta de algumas liberdades quanto à escolha do que vai ser postado, das fontes a serem utilizadas, mas ainda vinculado a valores do jornalismo tradicional. Como o uso das sessões fixas, semelhante aos veículos impressos, cujo texto segue o modelo técnico do lead e da pirâmide invertida e o texto em terceira pessoa. Observam-se alguns avanços como permitir um espaço para textos mais pessoais e até mesmo escritos em primeira pessoa, como por exemplo na sessão “Carta de Estocolmo”.

No blog de Noblat, observa-se o que já apontou MATTOSO (2003, p. 33), “o editor de um weblog estará alimentando, mesmo sem querer, uma prática metajornalística”, ou seja, os blogs jornalísticos não apenas imprimem sua visão pessoal sobre um fato corriqueiro, mas também debatem a notícia, o fato que é trabalhado na grande mídia. No caso de Moreno, essa prática é bem menos utilizada, pois seu blog fica restrito a veicular o que é publicado nos demais meios de comunicação (no caso, restrito somente aos veiculados no Globo.com).

A linguagem, apesar de poucas mudanças, apresenta um diferencial que é a fragmentação, os textos curtos, já que está num meio mais veloz. Esse meio permite que, encontros antes muito restritos se realizem, no caso, entre jornalistas e leitores. O internauta

passa a interagir diretamente com o meio, podendo produzir, disponibilizar suas próprias conclusões, pontos de vista, idéias e opiniões. De acordo com MATTOSO (p. 18), a presença desse leitor incentiva a relação “muitos-muitos”. Dessa forma, a prática jornalística e a identidade profissional estão sendo modificadas com essa nova relação.

No blog há um canal aberto para o leitor escrever seu comentário que pode ser não só relacionado ao assunto do post publicado. Para ter um comentário publicado o leitor não precisa disputar espaço com outro (como no espaço restrito dos leitores de veículos impressos), basta escrever. Se preferir, o leitor pode não se identificar e fazer comentários usando um nome falso ou apelido.

De acordo com MENDES (2009, p. 14), citando uma entrevista com Noblat: “o blog é um espaço de notícias, análise e debate que devia ser experimentado por todo jornalista, pois ensina mais do que muitos anos de redação”. Para Noblat, o blog ensina esse profissional a levar mais em conta o gosto do leitor, que por meio de comentários manifestam com vigor suas preferências. Através da Internet os jornalistas começaram a se dar conta daquilo que as mídias tradicionais ignoravam até há pouco tempo: as mídias existem para seus leitores/expectadores.

Dessa forma, e por esses motivos, os blogs aqui analisados não têm como foco apenas o conteúdo noticioso. O meio e suas possibilidades de mistura de conteúdos multimídia permitem que o internauta construa seu próprio roteiro de leitura/informação. O blog encarna isso muito bem, sendo um guia que tem um pouco de tudo.

O grande desafio que os jornalistas blogueiros têm é de criar uma linguagem própria do meio, que hoje, não é tão técnica, é mais pessoal. Linguagem essa ainda a se definir, mas que com certeza será mais livre e rica.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Ricardo e VIEIRA, Eduardo. Blogs: os novos campeões de audiência. *Época*, 31 de jul de 2006. Págs 96-105.

ARAÚJO, André Cardoso. *Jornalismo Open Source: blogs como ferramenta jornalística*. Dissertação apresentada a PUC/SP. São Paulo: novembro de 2006.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2004.

KUMAR, Krishan. Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Londres: da tragédia real a repercussão virtual. In: Intermezzo, 2007. Disponível em :<<http://imezzo.wordpress.com/2005/07/07/londres-da-tragedia-real-a-repercussao-virtual/>> .Acesso em 17 mar. 2008.

MATTOSO, Guilherme de Queiros. Internet, Jornalismo e Weblogs: uma nova alternativa de informação. In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2003. Disponível em:<<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 9 jun. 2008.

MENDES, Larissa de Moraes Ribeiro. Uma contribuição para a história dos blogs jornalísticos no Brasil: como Ricardo Noblat, Jorge Bastos Moreno e Josias de Souza tornaram-se 'blogueiros'. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 14., 2009, Rio de Janeiro. p. 1-16.

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2008.

RUDIGER, Francisco. Introdução à teoria da comunicação – Problemas, correntes e autores. São Paulo: Edicom, 2004.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHITTINE, Denise. Blog: Comunicação e escrita íntima na Internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SHNOOR, Tatiana. Número de blogs no mundo é quase 1 bilhão. In: Uol, 2008. Disponível em:<http://vnews.uol.com.br/sites/noticias/matéria.php?id_secao=4&id_conteudo=8741>. Acesso em 14 mar. 2008.

SOUZA, Joyce da Silva. Blogs – Jornalismo de Fonte Aberta: Análise dos novos paradigmas do jornalismo na era da Internet e dos blogs. São Paulo: PUC/SP, 2008.

State os the Blogosphere 2008. In: Technorati, 2008. Disponível em: <http://technorati.com/blogging/state-of-the-blogosphere/>>. Acesso em: 18 set. 2009.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: A Tribo jornalística e a simplificação das interfaces – uma comunidade interpretativa avançada. Vol II. Florianópolis: Insular, 2008.